

## Reflexões e estratégias para uma prática coral dialógica e colaborativa

Resenha da obra:

PAUL, Sharon J. **Art & Science in the Choral Rehearsal**.  
New York: Oxford, 2020.

**Vladimir A. Pereira Silva**

Universidade Federal de Campina Grande  
orcid.org/0000-0002-8694-5827  
vladimir.alexandro@professor.ufcg.edu.br

**Laís Lorrany Andrade**

Universidade Federal da Paraíba  
orcid.org/0000-0001-7158-8719  
lorryand@gmail.com

**José Adriano de Sousa Lima Júnior**

Universidade Federal da Paraíba  
orcid.org/0000-0002-8221-1500  
adrianodeso@gmail.com

**Daniel Berg Cirilo Alves**

Universidade Federal da Paraíba  
orcid.org/0009-0000-6644-0082  
danielberg19@hotmail.com

SILVA, Vladimir A. Pereira; ANDRADE, Laís Lorrany; Lima Júnior, José Adriano de Sousa; ALVES, Daniel Berg Cirilo. Reflexões e estratégias para uma prática coral dialógica e colaborativa. *Revista da Abem*, v. 31, n. 1, e31105, 2023.

## Reflexões e estratégias para uma prática coral dialógica e colaborativa<sup>1</sup>

Resenha da obra:

PAUL, Sharon J. *Art & Science in the Choral Rehearsal*. New York: Oxford, 2020.

O livro *Art & Science in the Choral Rehearsal*, de Sharon J. Paul, foi publicado pela Oxford, em 2020, em formato digital e impresso. A obra aborda a aplicabilidade dos estudos da Psicologia Cognitiva e da Neurociência no ambiente da prática coral. Organizado em onze capítulos, discute conceitos e apresenta estratégias para o desenvolvimento de ensaios colaborativos, que estimulem a resolução ativa de problemas e o engajamento dos(as) coralistas. O trabalho é fruto da longa trajetória da pesquisadora que atua como professora e regente do premiado Coro de Câmara da Universidade de Oregon, além de outros diferentes espaços educacionais e artísticos nos Estados Unidos da América. Esta resenha tem como objetivo analisar o referido livro, porque o consideramos relevante e atualizado para o cenário brasileiro, tendo em vista a consistência da obra e a sistematização do conhecimento ali apresentado sobre o tema.

O livro discute os aspectos do funcionamento do cérebro, destacando como ocorrem, no processo de aprendizagem, a retenção e a recuperação de informações. Essa compreensão é a base sobre a qual a autora desenvolveu sua metodologia de ensaio coral, pois considera o(a) discente-corista como parte ativa no processo de construção do conhecimento. Nessa perspectiva, em vez de receber respostas prontas, o(a) integrante do coro deve desenvolver as ferramentas necessárias para que ele ou ela, por si mesmo(a), consiga chegar à resolução de problemas específicos. Assim, o indivíduo, ao buscar respostas, elabora estratégias para encontrá-las e armazená-las na memória, contribuindo para o desenvolvimento da aprendizagem e da autonomia.

Para a autora, os ensaios devem ser colaborativos, isto é, daqueles que propõem a participação proativa dos(as) cantores(as), reforçando os conteúdos abordados em exercícios no repertório, além de outros tópicos, a fim de proporcionar um aprendizado significativo, contextualizado e mais eficaz. Por isso, ela sugere uma lista com nove estratégias que o(a) regente pode aplicar ao longo dos ensaios, a

---

<sup>1</sup> Esta resenha foi produzida com a subvenção da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB), por meio do termo 1763/2022, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

saber: 1) Comece seu ensaio com um problema para resolver; 2) Com orientações técnicas e interpretativas, providencie ferramentas com as quais os(as) alunos(as) possam tomar decisões autônomas; 3) Experimente usar o diapasão; 4) Ensine os(as) coralistas a desenvolver o automonitoramento; 5) Análise e experimentação; 6) Crie metas para atingir; 7) Reflexão; 8) Trabalhe socraticamente; e 9) Busque a resolução colaborativa de problemas.

A primeira estratégia sugere a proposição de um problema, isto é, um desafio a ser superado durante o ensaio ou a cada peça, e que pode ser de nível musical ou textual. O(a) regente pode iniciar o ensaio dando instruções: “iniciaremos pela música que está no tom de Ré, no modo maior” ou, ainda, “a próxima peça será aquela que utiliza o fogo como metáfora para paixão”. Esse tipo de informação instiga o(a) cantor(a) a desenvolver intimidade com a estrutura musical e a se aprofundar no domínio do repertório proposto. Da segunda à quarta estratégia, a autora estimula a autonomia do(a) coralista, tanto na busca das ferramentas necessárias para compreender e superar os desafios colocados quanto na possibilidade de se autoavaliar, corrigir a postura e descobrir a sua afinação sozinho(a), por exemplo. Nesse sentido, ela recomenda o uso do diapasão como um elemento poderoso para manter o engajamento na atividade, encorajando os(as) regentes que não têm essa prática a, assim como ela, desenvolver essa habilidade.

O quinto ponto se refere a levar os(as) cantores(as) a analisar algum trecho do repertório e, por meio da experimentação, perceber o equilíbrio de cada naipe, qual voz está com o tema e/ou com o acompanhamento, qual o timbre que se pode produzir naquela peça, se mais claro, mais escuro, dentre outros parâmetros. As quatro últimas estratégias propõem ao(à) regente uma criação de metas, não só para serem atingidas pelo grupo, mas também por cada componente, entre um ensaio e outro, buscando sempre o equilíbrio entre o individual e o coletivo, conduzindo à reflexão sobre a prática.

Ao discutir a organização do tempo/logística do ensaio, a autora argumenta que o(a) regente deve ser objetivo em suas observações, partindo das informações mais gerais para as específicas, focando na resolução de determinado problema. Ao parar o grupo para uma correção, deve-se ir ao ponto em questão, sempre estabelecendo contato visual com o naipe/corista ao qual se dirige, pois informações não direcionadas tendem a ser menos efetivas. Por exemplo, após demandar algo ao

coro, deve-se oferecer um *feedback* para o grupo, logo após o cumprimento da tarefa. Ao passo que os(as) participantes comecem a conhecer a realidade musical de cada obra, horizontes serão expandidos.

A autora sugere que, para uma interpretação musical mais expressiva, é fundamental conectar individualmente cada coralista ao texto. Para isso, o(a) regente deve guiar os membros do coro, de modo que eles apreendam os conceitos-conteúdos que a obra em questão contém, relacionando-os à sua visão de mundo. Tal reflexão estimula o conjunto, como um todo, a cantar a mensagem que a música pretende comunicar, mais do que solfejar as notas, além de tornar significativo o conhecimento gerado, com um alto índice de retenção.

Ao discutir o efeito denominado *social loafing*, que, em síntese, consiste na tendência de diminuição da produtividade individual, à medida que o tamanho do grupo aumenta, Paul apresenta sugestões para que se possa contornar tal movimento, pois, para ela, num grupo coral, o todo realmente é maior que a soma de suas partes, sendo necessário, portanto, reforçar esse princípio por meio da forma como se ensaia. Daí a importância de os(as) regentes encontrarem um ponto de equilíbrio, de modo a atender às expectativas dos(as) integrantes. Dessa forma, compreende-se que o senso de coletividade e pertencimento será fortalecido nos(as) coralistas, à medida que seus esforços individuais vão sendo identificados e reconhecidos como essenciais para o sucesso do grupo.

Ao abordar as estratégias para instigar a proatividade dos(as) coralistas, Paul propõe o desenvolvimento de exercícios com estímulos auditivos, visuais, táteis e cinestésicos, que ajudam os(as) participantes a interpretar e reforçar conceitos musicais enquanto cantam o repertório. Com a finalidade de resolver determinada dificuldade rítmica, por exemplo, a autora sugere que os(as) coralistas, com um lápis à mão, batam o ritmo da sua parte em alguma superfície. Dessa forma, cada indivíduo ouviria o som das batidas (estímulo auditivo), viria as demais pessoas batendo (estímulo visual), seguraria o lápis e sentiria o impacto sobre a superfície (estímulo tátil) e criaria o movimento de percutir (estímulo cinestésico). Portanto, o(a) regente-educador(a) precisa ser criativo(a) para desenvolver estratégias variadas com o fim de manter os(as) coralistas fisicamente ativos e mentalmente engajados na atividade.

A autora destaca ainda o quão importante é ter uma preparação adequada para a atuação no palco, eliminando focos de ansiedade ou insegurança advindos da

forma de entrar em cena, cuidando com a disposição do coro, com o momento de abrir as pastas de partitura e com o modo de sair do palco. É crucial estar psicologicamente pronto para superar erros e seguir em frente, sem comprometer o restante da apresentação. Isso também vale para o(a) regente, que, no ensaio, precisa saber quando deve insistir ou parar diante de uma passagem mais desafiadora. Paul reitera que é recomendável para a aprendizagem a manutenção de uma atmosfera calma e bem-humorada, seja em momentos de maior desafio, seja em pequenos prazos – razão pela qual afirma que é necessário trabalhar com distrações e emoções e não contra elas.

Uma das técnicas que a professora utiliza é a prática de escrever durante o ensaio. A elaboração textual é compreendida como a habilidade de organizar os pensamentos acerca do repertório, incluindo a tradução do poema e de outras atividades que requeiram a sistematização das ideias por parte do corista, não apenas no sentido musical, mas também numa dimensão humana. Para a pesquisadora, essa iniciativa promove uma maior compreensão sobre o que se canta e sobre o grupo, motivo pelo qual diz que as

atividades de escrita [textual] podem ser inseridas em qualquer ponto do ensaio usando exercícios curtos, focados e escritos. Ter cantores(as) envolvidos(as) na escrita garante uma participação ativa em vez de passiva, e os(as) ajuda a focar melhor seus pensamentos antes de uma discussão em grupo. Os(as) alunos(as) mais quietos(as), que podem não falar tão bem de improviso, são mais propensos a contribuir para uma conversa tendo a oportunidade de organizar seus pensamentos por escrito primeiro (Paul, 2020, p. 157).

Esse tipo de atividade auxilia, ainda, no processo avaliativo e permite que os(as) coristas emitam suas opiniões e, dessa forma, compartilhem aspectos musicais e questões individuais que lhes foram ou são marcantes e que, de algum modo, fizeram com que suas atuações fossem diferentes. A professora defende a prática da escrita como ferramenta pedagógica de aprendizagem e retenção e de atenção e foco, tomando como base os fundamentos da Psicologia Cognitiva.

Ao falar sobre o estudo da partitura como uma das etapas para o planejamento dos ensaios e da apresentação pública, a autora relembra que a partitura não é a música, mas que seu entendimento permite estabelecer um ritmo adequado aos ensaios, definir quais *vocalises* serão mais eficientes para aquele contexto e quais

conceitos musicais e extramusicais podem ser abordados no decorrer do trabalho. Fundamentada em sua experiência, ela elabora uma guia para conduzir o estudo da partitura, partindo de uma visão geral da obra (contexto histórico, estrutura, forma, ritmo, harmonia, textura e orquestração) até a leitura do texto e a identificação dos desafios vocais. A meta é antecipar a resolução dos problemas que, porventura, possam surgir no decorrer dos ensaios.

No que concerne à técnica gestual, a professora diz que seu principal objetivo é a clareza e a eficácia da comunicação, devendo ser esteticamente adequada à obra executada. Ela aponta a importância de o(a) regente traçar mentalmente, e durante a rotina de estudo, a linha gestual da(s) peça(s), isto é, conceber fraseados, momentos de clímax e relaxamento, assegurando-se de que o trajeto está claro e interiorizado e é, sobretudo, orgânico. Comenta sobre a necessidade de que a face do(a) regente esteja atrelada ao gesto, como recurso expressivo, advindo do contato visual entre ele/ela e o coro, já que o(a) regente, enquanto líder do grupo, torna-se modelo de postura, voz e comprometimento.

Ao tratar da seleção de coralistas para a formação de coros, Paul diz que, quando seleciona pessoas para seus grupos, avalia tanto os aspectos musicais quanto o nível de engajamento com a atividade proposta, pois, mesmo que sejam necessárias vozes belas e habilidosas, o(a) participante precisa ter outras habilidades para desempenhar sua função com entusiasmo e confiança, inspirando outros(as). A autora também reconhece que a alfabetização musical é um dos maiores legados que um(a) regente-educador(a) pode deixar para seus alunos(as), pois esse conhecimento garantirá habilidades fundamentais para uma vida inteira de experiências musicais.

*Art & Science in the Choral Rehearsal*, de Sharon J. Paul, traz reflexões importantes para a área da regência e do canto coral, sendo mais uma fonte para a preparação do(a) regente, sobretudo quando se considera a sua função enquanto educador(a) musical. A compreensão dos processos de aprendizagem, o relato da autora e as propostas que enumera ampliam as possibilidades de ação de regentes de grupos amadores e profissionais de diferentes faixas etárias, inseridos em numerosas conjunturas.

O livro é baseado nas experiências da autora, não sendo, portanto, um método infalível que deve ser copiado indistintamente. Muito embora a abordagem não seja

inédita, podemos dizer que a obra preenche um espaço importante nos estudos sobre a metodologia do ensaio de grupos corais, porque sua proposta de ação artístico-pedagógica baseia-se na solução de problemas, que tanto podem ser aplicados com coros iniciantes, que ainda não leem partitura, solfejam ou dominam a técnica vocal, por exemplo, quanto com aqueles que são mais experientes e até mesmo profissionais.

A meta é construir um processo-produto dialógico, transformando, por meio da proatividade, participantes em colaboradores, convidando-os a sair da zona de conforto. Essa ação interativa e reflexiva – que contribuirá para a consolidação da autonomia dos coralistas, por meio da socialização e do compartilhamento de responsabilidades, conhecimentos e práticas – está em sintonia com os métodos pedagógicos transformadores e não bancários, que contribuem para o empoderamento dos sujeitos. É, de fato, um convite para se repensar as relações de interdependência que se estabelecem entre músicos, sejam eles instrumentistas, coralistas ou regentes.

*Art & Science in the Choral Rehearsal* é um livro pragmático, com foco na teoria e na prática, que pode servir como ponto de partida para outros estudos e investigações. Em linhas gerais, é uma obra recomendável para quem deseja repensar sua práxis.

**Vladimir A. P. Silva** é doutor em Música (Regência Coral – Canto) pela Louisiana State University com atuação no Brasil, Argentina, França, Itália, Áustria, Alemanha, Portugal, Espanha, Colômbia e Estados Unidos. Tem peças publicadas pela FUNARTE, UFPE e Gentry Publications-Hal Leonard. Estreou obras de Beetholven Cunha, Eli-Eri Moura, Luís Passos, Reginaldo Carvalho e Danilo Guanais. Deste último, regeu a *world première* da *Missa de Alcaçus*, no Carnegie Hall (EUA, 2017). Seus artigos estão publicados no Choral Journal, Per Musi, Musica Hodie, ICTUS, Opus e European Review of Academic Studies. Atualmente, é professor nos cursos de graduação e pós-graduação (UFCG-UFPB), Diretor Artístico do Festival Internacional de Música de Campina Grande, regente do Coro de Câmara de Campina Grande e presidente da Nova Associação Brasileira de Regentes de Coros – ABRACO (2021-2024).

**Laís Lorrany Andrade** é bacharela em Música (Composição) pela Universidade Federal de Campina Grande. É integrante do Coro de Câmara de Campina Grande e, com esse grupo, já participou de estreias de obras de compositores como Eli-Eri Moura e Danilo Guanais em vários estados brasileiros. Como compositora, teve peças estreadas no X Festival Internacional de Música de Campina Grande (2019), sob a regência do Dr. Luís Passos, e no Festival Louvor em Harmonia, sob a condução de Zacarias Fernandes (2023). Como maestra, regeu o coro infantojuvenil do Laboratório Coral da UFCG (CanteMUS) e coros comunitários na região da Rainha da Borborema. Além disso, foi maestra convidada do Coro de Câmara de Campina Grande para a estreia da música *Cordeiro de Deus* (2023), para solista, clarinete e coro misto, de sua própria autoria. Atualmente, é mestranda em Práticas Interpretativas (Regência Coral) no PPGM-UFPB, com subvenção da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB), e monitora do Projeto Uirapuru (UFCG – PMCG – SEDUC).

**José Adriano de Sousa Lima Júnior** é mestre em Música (Composição) pela Universidade Federal da Paraíba. É bacharel em Música (Composição) pela Universidade Federal de Campina Grande. Já atuou como regente da Primeira Igreja Batista (2019) e da Igreja Congregacional Central (2018) de Campina Grande. É baixo e monitor do Coro de Câmara de Campina Grande, grupo com o qual participou de turnês nacionais e internacionais, interpretando repertório diverso. Suas obras corais têm sido estreadas no Brasil (*Trinos*, 2017 e *Cálix*, 2023) e no exterior (*Tem nos dado*, 2022 – EUA). Integra a equipe Projeto Uirapuru (UFCG – PMCG – SEDUC), desenvolvendo atividades musicais em escolas públicas. Tem escrito composições e arranjos para formações variadas, bem como música coral. Atualmente, é mestrando em Práticas Interpretativas (Regência Coral) no PPGM-UFPB.

**Daniel Berg Cirilo Alves** é especialista em Música (Regência Coral) pela Universidade Federal da Bahia. Possui graduação em Letras (Francês) e em Música (Regência), ambas concluídas na Universidade Federal da Paraíba. Estudou na Universidade de Lausanne – Suíça (UNIL). Como maestro, apresentou-se na Suíça, França, Alemanha, Letônia e Rússia. Como professor, leciona musicalização infantil em escolas de João Pessoa-PB. É músico da Prefeitura Municipal de Sapé-PB e maestro titular do Coro Sinfônico da Paraíba. Recentemente, regeu o coro da cidade de Gatchina – Rússia, e foi professor de regência, a convite da associação de regentes da Rússia, no conservatório de música em São Petersburgo, representando a América Latina. Atualmente, é mestrando em Práticas Interpretativas (Regência Coral) no PPGM-UFPB, com subvenção da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).